



ARMAND M. NICHOLI, JR.

DEUS EM QUESTÃO C.S. LEWIS E FREUD

DEBATEM DEUS, AMOR, SEXO
E O SENTIDO DA VIDA

TRADUZIDO POR
GABRIELE GREGGERSEN



Editora Ultimato

*À minha esposa, Ingrid, e aos meus filhos,
Kimberly e Armand III, com amor.*

SUMÁRIO

Prólogo	9
PARTE UM – EM QUÊ ACREDITAR?	
1. Os protagonistas: A VIDA DE SIGMUND FREUD E DE C. S. LEWIS	21
2. O Criador: HAVERÁ UMA INTELIGÊNCIA ALÉM DO UNIVERSO?	45
3. Consciência: HAVERÁ UMA LEI MORAL UNIVERSAL?	67
4. A grande transição: QUE ESTRADA SEGUIR RUMO À REALIDADE?	87
PARTE DOIS – COMO VIVER?	
5. Felicidade: QUAL É A FONTE DOS MAIORES PRAZERES DA NOSSA VIDA?	109
6. Sexo: A BUSCA DE PRAZER SERIA O NOSSO ÚNICO PROPÓSITO?	139
7. Amor: TODO AMOR SERIA SEXO SUBLIMADO?	173
8. Dor: COMO RESOLVER O PROBLEMA DO SOFRIMENTO?	201
9. Morte: SERIA A MORTE O NOSSO ÚNICO DESTINO?	229
Epílogo	253
Notas	259
Bibliografia	277
Índice Onomástico	281

PRÓLOGO

NA MANHÃ DO DIA 26 de setembro de 1939, em *Golders Green*, ao noroeste de Londres, um grupo de amigos e a família reuniram-se para velar o corpo de Sigmund Freud. Depois de cremado o corpo, Ernest Jones, observou em sua oração fúnebre que “ele estava sendo sepultado... [como] desejava... com toda a simplicidade, sem vestígio algum de pompa ou cerimônia”. Stefan Zweig, o dirigente, encerrou a sua fala, prevendo: “daqui por diante, para onde quer que alguém se aventure a penetrar o labirinto do coração humano, terá sempre a sua luz intelectual a iluminar os seus passos”.

A manchete de capa do *New York Times* daquele domingo dizia: “Dr. Sigmund Freud morre no exílio aos 83”. Na chamada logo abaixo se lia: “O fundador da psicanálise... morre em sua casa, nas proximidades de Londres”. A notícia descrevia a sua fuga recente dos nazistas, que queimaram os seus livros, desdenharam as suas teorias como sendo pornográficas e exigiram fiança para a sua liberdade. Mencionava ainda a “fama

e grandeza internacional” de Freud, referindo-se a ele como “um dos cientistas mais amplamente discutidos em nível internacional”, mencionando que “ele fez o mundo todo discutir a psicanálise”, frisando que as suas idéias já tiveram penetração em toda a nossa língua e cultura.

No início da adolescência, Freud demonstrou brilhantismo acadêmico, se destacando como o melhor aluno da classe por sete anos e conquistando a *summa cum laude* do “Gymnasium” [ensino médio]. Ingressou então na Universidade de Viena, aos 17 anos de idade, versou-se em diversas línguas, liderou pesquisas e estudou assuntos de vários campos, desde a física até a filosofia.

Os historiadores de hoje comparam as contribuições de Freud às de Planck e Einstein. Ele aparece na maioria das listas dos maiores médicos da história. Já foi capa da revista *Time* (junto com Albert Einstein), que trouxe uma matéria dedicada às maiores mentes científicas do século passado,¹ e aparece em sexto lugar num livro sobre os cem cientistas mais influentes do mundo.² Por outro lado, se a fama e influência de Freud têm crescido desde a sua morte, ocorrida há mais de sessenta anos, as críticas e controvérsias em torno de sua pessoa crescem igualmente. Porém ele persiste apesar de tudo isso. A moeda austríaca tem uma nota com a sua imagem. Suas idéias permanecem impregnadas em nossa língua e cultura.

Usamos termos como *ego*, *repressão*, *complexo*, *projeção*, *inibição*, *neurose*, *psicose*, *resistência*, *rivalidade entre irmãos* e *ato falho* sem nem sequer nos dar conta de sua origem. Talvez o modelo freudiano da mente seja o mais desenvolvido de todos. Dos mais de cem tipos de psicoterapia, grande parte continua a aplicar um ou outro conceito de Freud. Talvez o mais importante seja que as suas teorias influenciam a nossa maneira de interpretar o comportamento humano, não apenas na biografia, na crítica literária, na sociologia, na medicina, na história, na educação e na ética — mas também no direito. Tomamos hoje como líquido e certo o conceito básico da psicanálise, de que nossas experiências de infância influenciam nossa maneira de pensar, sentir e nos comportar como adultos. O impacto do seu pensamento levou alguns estudiosos a referir-se ao século 20 como o “século de Freud”.

Como parte de seu legado intelectual, Freud defendia fortemente uma filosofia de vida ateu. Ele se referia a essa visão como a “*Weltanschauung* [visão de mundo] científica”. Também travou uma batalha dura e obstinada contra a visão de mundo espiritual, que considerava a “*Weltanschauung* religiosa”. Os escritos filosóficos de Freud, que eram mais lidos do que as suas obras expositivas ou científicas, tiveram um papel importante na secularização da nossa cultura. No século 17, as pessoas apelavam para a astronomia quando se deparavam com o que consideravam um conflito irreconciliável entre ciência e fé; no século 18, recorriam à física newtoniana; no século 19, a Darwin; no século 20 e até hoje, Freud é a pedra de toque dos ateus.

* * *

Vinte e quatro anos depois da morte de Freud, na manhã de 26 de novembro de 1963, em Oxford, na Inglaterra, ao noroeste de Londres, um grupo de amigos e a família reuniram-se numa igreja do bairro de Headington Quarry, a *Holy Trinity Church*, para velar o corpo de C.S. Lewis. A cerimônia foi introduzida com uma recitação: “Eu sou a ressurreição e a vida, disse o Senhor”. Depois da cerimônia, o grupo caminhou pelo dia frio e claro, observando em silêncio o caixão sendo carregado da igreja para o cemitério.

No *New York Times* de 25 de novembro de 1963, lia-se, em meio a diversos artigos sobre o assassinato de John F. Kennedy, a seguinte manchete: “C.S. Lewis morto: autor e crítico literário, aos 64”. Debaxo de uma foto e um artigo de várias colunas, o jornal fazia uma retrospectiva da sua vida prolífica, mencionando a sua reputação como estudioso brilhante, revendo algumas de suas obras acadêmicas e populares, que já haviam vendido milhões de exemplares, e notando que o seu sucesso como escritor deu-se após a sua mudança de visão de mundo, de ateu para crente.

Lewis, o celebrado catedrático de Oxford, crítico literário e talvez o mais popular defensor da fé no século 20, pautado pela razão, conquistou

reconhecimento internacional, muito antes de sua morte, ocorrida em 1963. Durante a Segunda Guerra Mundial, suas palestras de rádio fizeram de sua voz a segunda mais popular do rádio, perdendo apenas para a de Churchill, que era a mais reconhecida da BBC. Pouco depois da guerra, uma matéria de capa da revista *Time* o descrevia como o palestrante mais influente em prol de uma visão de mundo espiritual. Suas obras continuam sendo um prodígio em vendas e sua influência continua crescendo. Em 1998, ano do centenário de seu nascimento, houve inúmeras conferências comemorativas por todos os Estados Unidos e Europa.

Suas extraordinariamente populares *Crônicas de Nárnia* inflamam a imaginação de crianças em todo o mundo. [Se levarmos em conta] puramente a quantidade de livros e artigos biográficos e literários sobre Lewis, o vasto número de sociedades C.S. Lewis, organizadas em centros acadêmicos e universidades, sem falar do premiado *Shadowlands*, interpretado em diversas versões para o teatro, e do filme, inspirado na sua vida — tudo isso prova o interesse crescente pelo homem e sua obra.

Lewis iniciou sua carreira acadêmica como estudante de graduação em Oxford, onde conquistou o prêmio de melhor aluno do ano três vezes consecutivas — um feito raramente alcançado. Depois de terminar os estudos, ele continuou em Oxford como membro da faculdade. Nos trinta anos seguintes lecionou filosofia e, em seguida, língua e literatura inglesa. Em 1955, ele abandonou Oxford para assumir uma cadeira em literatura inglesa antiga e medieval no Magdalene College, na Universidade de Cambridge. Tanto em Oxford quanto em Cambridge suas preleções abertas ao público muitas vezes lotavam os auditórios, a tal ponto que faltava lugar para se sentar.

Ao longo da primeira metade de sua vida, Lewis abraçou uma visão de mundo ateuista, usando a lógica de Freud para defender o seu ateísmo. Posteriormente ele rejeitou o ateísmo, passando a crer. Nos escritos posteriores a isso, ele apresenta contra-argumentos convincentes aos argumentos de Freud contra a visão de mundo espiritual. Sempre que Freud levantava um argumento, Lewis tentava apresentar uma resposta. Os escritos de ambos possuem um paralelismo impressionante. Se Freud

serve até hoje como primeiro expoente do materialismo, Lewis serve como referência primeira da visão espiritual, que Freud atacava.

Infelizmente, os dois nunca debateram diretamente. Quando Lewis começou a lecionar em Oxford, ele estava na casa dos 20 anos e Freud já estava nos seus 70. Lewis conhecia as teorias de Freud muito bem, e a nova psicologia já era amplamente discutida. Mesmo antes, no tempo em que Lewis ainda era estudante em Oxford, Freud já havia se tornado o pai da nova crítica literária que ele estudava. Além disso, Freud pode muito bem ter lido alguns dos primeiros escritos de Lewis, como *The Allegory of Love* [A Alegoria do Amor], publicado com grande aprovação da crítica alguns anos antes da morte de Freud. Ele pode ter lido *Pilgrim's Regress* [O Regresso do Peregrino], em que Lewis satiriza a psicologia freudiana. Lewis chamou um de seus personagens de Sigismund, nome real de Freud, antes de ele tê-lo mudado para Sigmund, quando tinha 22 anos.

Infelizmente, pelo fato de que Lewis era de uma geração posterior à de Freud, as respostas daquele aos argumentos deste tornaram-se a palavra escrita final. Freud nunca teve a chance de revidar. Entretanto, colocando os seus argumentos lado a lado, vemos emergir um debate, como se eles estivessem frente a frente em seus respectivos palanques, numa mesma sala. Ambos refletiam cuidadosamente sobre os pontos fracos e alternativas aos seus posicionamentos; ambos levavam em consideração os pontos de vista diferentes dos deles.

Trinta anos atrás, a Universidade de Harvard convidou-me para dar um curso sobre Freud. Não deixei de ministrá-lo desde então, em nível de graduação, assim como na Escola de Medicina de Harvard, esta nos últimos dez anos. De início, é claro que eu foco somente nas visões filosóficas de Freud. Praticamente metade dos meus alunos acaba concordando com ele, e a outra metade discorda fortemente. Quando chega o momento do curso de uma comparação entre Freud e Lewis, ele se torna muito mais desafiador, e a discussão se inflama. Desde então passei a ensinar dessa forma. No entanto, achava necessário acrescentar uma terceira voz à dos escritos deles, em forma de sua biografia. Seus argumentos jamais poderão provar a existência ou a não-existência de Deus.

Mas suas vidas oferecem importantes pistas para a busca da verdade, credibilidade e utilidade das suas visões. (Ao analisarmos as suas biografias, entretanto, é bom mantermos em mente que os seres humanos nem sempre vivem o que professam, nem professam o que vivem.)

* * *

O propósito deste livro é contemplar a vida humana, a partir de dois pontos de vista diametralmente opostos: o da fé e o da incredulidade. (Freud classificava todas as pessoas nessas duas categorias.) Examinaremos vários temas ligados à vida, em relação a essas duas visões conflitantes. Tentaremos observar essas duas visões da forma mais objetiva e menos passional possível, deixando os argumentos falarem por si mesmos. (Tenho consciência de que ninguém — inclusive o autor — é neutro, quando se trata de temas com tamanha carga emocional. Nenhum de nós é capaz de tolerar a noção de que a nossa visão de mundo possa estar baseada em pressupostos falsos e, assim, toda a nossa vida esteja tomando um rumo errado.) Devido às implicações abrangentes para as nossas vidas, tendemos a descartar e contradizer a visão de mundo que rejeitamos. Espero que cada leitor possa abordar criticamente os argumentos tanto de Freud, quanto de Lewis, seguindo a recomendação de Francis Bacon: “Ler não para contradizer... mas para pensar e ponderar”.

Sócrates dizia que “uma vida sem exame não vale a pena ser vivida”. No meio universitário, estudantes e professores escrutinam cada aspecto possível do universo — desde as bilhões de galáxias, até as partículas subatômicas, elétrons, *quarks* —, mas eles evitam rigorosamente examinar as suas próprias vidas. No mundo ordinário, mantemo-nos apressadamente ocupados e preenchemos cada minuto livre do nosso cotidiano com algum tipo de diversão — trabalho, computadores, televisão, filmes, rádio, revistas, jornais, esportes, álcool, drogas, festas. Talvez nós nos deixamos distrair porque olhar para nós mesmos nos faz deparar com a nossa falta de sentido, nossa infelicidade e nossa solidão — e com a dificuldade, a fragilidade e a inacreditável brevidade da vida. Pascal

deve ter acertado ao observar que “se a nossa condição fosse de felicidade verdadeira, não teríamos a necessidade de nos distrair de ficar pensando sobre ela... a única causa da nossa infelicidade é que não sabemos ficar tranqüilamente sentados no nosso quarto”. Numa discussão em sala de aula, um dos meus alunos de Harvard declarou que “viver a vida humana é um negócio de dar medo”. Quem sabe a razão por que achamos difícil ficar tranqüilamente sentados para examinar as nossas vidas seja o fato de que isso nos causa ansiedade. Mas, enquanto não analisarmos as nossas vidas, pouco poderemos fazer para torná-las menos infelizes e vazias. Meu desejo é que Freud e Lewis juntos possam nos levar precisamente a um auto-exame desse tipo.

* * *

Todos nós possuímos uma visão de mundo — não importa se estamos conscientes disso ou não. Alguns anos depois do nosso nascimento, todos começamos a gradualmente formular nossa filosofia de vida. A maioria de nós parte de um dos dois pressupostos básicos: vemos o universo como o resultado de eventos aleatórios e a vida neste planeta como um produto do acaso; ou pressupomos uma Inteligência além do universo que lhe confere ordem e sentido vital. Nossa visão de mundo norteia a nossa vida pessoal, social e política. Ela influencia a forma, como nos percebemos a nós mesmos, como nos relacionamos com os outros; como nos adaptamos a situações adversas; e o que entendemos ser o propósito da nossa existência. Nossa visão de mundo nos ajuda a determinar nossos valores, nossa ética e nossa capacidade de ser felizes. Ela nos auxilia a entender de onde viemos, nossa herança; quem nós somos, nossa identidade; por que existimos neste planeta, nosso propósito; o que nos impulsiona, nossa motivação; e para onde estamos indo, nosso destino. Alguns historiadores da ciência, como Thomas Kuhn, destacam que até a visão de mundo do cientista influencia não apenas o que ele investiga, mas também como ele interpreta o que ele investiga. Nossa visão de mundo nos diz mais sobre nós, quem sabe até, do que qualquer outro aspecto da nossa história pessoal.

Tanto a visão de Freud quanto a de Lewis já existiam desde as origens da história de que se tem registro — a visão de mundo espiritual, que tem suas raízes originárias no Israel antigo, com sua ênfase na verdade moral e na conduta certa, e seu lema: “Assim disse o Senhor”; e a visão de mundo materialista ou “científica”, que tem suas raízes na Grécia antiga, com sua ênfase na razão e aquisição do conhecimento, e seu lema: “O que é que diz a natureza?” Todos nós abraçamos alguma forma de visão de mundo: a de Freud ou a de Lewis. Se aceitarmos o materialismo de Freud, podemos declarar-nos ateus, agnósticos ou céticos. Semelhantemente, há várias expressões da visão de mundo de Lewis. Consideraremos as formas específicas da visão de mundo espiritual que Lewis abraçava, e com ele, segundo o censo do Instituto Gallup, mais de 80% dos americanos.

Por que Freud e Lewis? Por diversas razões. Primeiro, ambos escrevem abundantemente a respeito de suas visões de mundo específicas, e o fazem com grande profundidade, clareza e consciência. Freud conquistou o Prêmio Goethe para literatura, e Lewis, uma cadeira de literatura, tornando-se um crítico literário respeitado, e autor prolífico, amplamente lido. Além disso, ambos escreveram autobiografias e milhares de cartas que nos permitem obter uma perspectiva razoavelmente boa de como eles viviam as suas vidas. Freud e Lewis fornecem lentes particularmente claras, através das quais podemos analisar as duas visões.

Serão as duas visões de mundo meras especulações sem resposta positiva nem negativa? Não. Uma começa com a premissa básica de que Deus não existe; a outra, com a premissa de que Ele existe. Portanto, eles são mutuamente exclusivos — se um está certo, o outro necessariamente estará errado. E que diferença faz saber quem está com a razão? Tanto Freud quanto Lewis achavam que fazia diferença, sim. Eles empenharam boa parte de suas vidas explorando esses temas, perguntando-se repetidamente: “Será isso verdade?”

Freud preocupava-se com a questão, se Deus existia ou não. Em uma das coleções de cartas que escreveu a um colega, estudante da Universidade de Viena, a questão da existência de Deus surgia constantemente. Ela se estende de maneira contínua por todos os seus escritos filosóficos,

inclusive a sua última obra de monta, *Moisés e o Monoteísmo*. Em “The Question of a *Weltanschauung*” [A Questão da Visão de Mundo], Freud argumenta contra a existência de Deus. Ele aponta para o problema do sofrimento e desenvolve o argumento psicológico de que todo conceito não passa da projeção de um desejo infantil de proteção dos pais contra as vicissitudes e sofrimentos da existência humana. Ele também argumenta contra a objeção daqueles que sustentam uma visão de mundo espiritual e afirmam que a fé “é a origem divina que nos foi dada como uma revelação pelo Espírito, que o espírito humano não pode compreender”. Freud diz que essa “é uma situação clara [que aponta para] a origem do problema”, e acrescenta o comentário: “A questão real levantada aqui é se existe um espírito divino e uma revelação por meio dele, e essa questão certamente não pode ser decidida, dizendo simplesmente que essa questão não deve ser levantada”.

Lewis concorda com Freud que essa é, de fato, a mais importante de todas as questões. Ele escreve que: “Aqui está a porta, por trás da qual, de acordo com certas pessoas, esconde-se o segredo do universo a seu aguardo. Não importa, se for verdade ou não. Se não for, então o que a porta está de fato ocultando não passa meramente de mais uma grande fraude... das que já se conhecem”. Já que tantas pessoas abraçam a argumentação de Lewis — um censo recente do Instituto Gallup registra que a grande maioria dos americanos adultos acredita em Deus —, Lewis deve estar certo: se não for verdade, então a visão de mundo espiritual não é apenas uma fraude, mas também o mais cruel dos trotes já cometidos em toda a história da espécie humana. E a única alternativa que resta é seguir a recomendação de Freud, de crescer e encarar a dura realidade de que estamos sós no universo. Ele diz que poderemos encontrar menos consolo, mas a verdade, dura como ela é, acabará nos libertando de esperanças falsas e expectativas pouco realistas. Mas se a visão espiritual for verdadeira, então todas as outras verdades perdem seu significado. Nada terá mais e mais abrangentes implicações para as nossas vidas.

Se tanto Freud quanto Lewis consideravam a questão da existência de Deus a mais importante da vida, como chegaram a conclusões conflitantes? Nós vamos ver sobre isso. E vamos ver se as suas biografias

— a forma como eles realmente levaram as suas vidas — reforçam ou enfraquecem seus argumentos, dizendo-nos mais do que as suas palavras podem nos transmitir.

PARTE UM

EM QUÊ ACREDITAR?

OS PROTAGONISTAS: A VIDA DE SIGMUND FREUD E DE C.S. LEWIS

EMBORA C.S. LEWIS pertencesse a uma geração inteira posterior à de Sigmund Freud, ele abraçou o ateísmo de Freud durante metade da sua vida. Mas depois rejeitou aquela visão de mundo. Quando Lewis começou a lecionar em Oxford, os escritos de Freud já haviam influenciado muitos discípulos intelectuais, incluindo o campo de atuação de Lewis, a literatura. Lewis conhecia os argumentos de Freud muito bem — talvez porque ele os usava para sustentar a sua própria posição na época em que ele mesmo foi ateu. Em sua autobiografia, ele escreve: “Naquela época, a nova psicologia já estava nos penetrando a todos. Nós não a engolimos por completo... mas fomos todos influenciados. O que mais nos preocupava era o seu conceito de ‘fantasia’ ou ‘pensamento de desejo’ [*wishful thinking*]. Pois (é claro) éramos todos poetas e críticos, que dávamos grande valor à ‘imaginação’ em algum sentido nobre coleridgeano, de modo que se tornou importante distinguir a imaginação... da fantasia, no sentido atribuído a ela pelos psicólogos”.¹

É rara, entretanto, a pessoa que não muda de idéia por toda a sua vida. Antes de compararmos as visões de Lewis e Freud, então, precisamos conhecer algo sobre a forma como eles as desenvolveram.

O CONTEXTO DE FREUD

No dia 6 de maio de 1856, na cidade de Freiberg, na Morávia, Amalia Freud deu à luz um filho. Ela mal se deu conta de que o seu filho seria um dia contado entre os cientistas mais influentes da história. O marido, Jacob, chamou-o de Sigismund Schlomo e inscreveu estes nomes na Bíblia da família. O jovem garoto acabou abandonando ambos os nomes. Ele jamais usou “Schlomo”, nome do seu avô paterno, e, durante os seus estudos na Universidade de Viena, ele mudou “Sigismund” para “Sigmund”.

Uma ama-seca cuidou do pequeno Freud durante os primeiros dois anos e meio de sua vida. Como católica romana devota, ela carregou o menino para a igreja. A mãe de Freud, muitos anos depois, contou-lhe que, depois de voltar da igreja, ele “pregava e nos contava acerca dos feitos do Deus Altíssimo”. A ama-seca passou tempo considerável com Freud, especialmente quando a sua mãe ficou grávida, gerando um irmão mais novo. Freud a considerava uma mãe substituta e apegou-se muito a ela. Com menos de 2 anos de idade, ele perdeu seu irmão mais novo, Julius, cujas doença e morte devem ter absorvido todo o tempo de sua mãe, deixando-o quase que totalmente aos cuidados de sua ama-seca. Ele escrevia que, por mais que “as palavras dela pudessem ser duras”, no entanto, ele “amava a velha mulher”.² Em uma carta para Wilhelm Fliess, um especialista em ouvidos, nariz e garganta, com quem Freud desenvolveu estreita amizade por vários anos, ele declarava que “no meu caso, meu ‘progenitor primário’ foi uma mulher feia, bastante velha, mas inteligente, que falou-me sobre o Deus Altíssimo e inferno (p. 14) e me incutiu uma opinião elevada sobre as minhas próprias capacidades”.³ Nessa época a governanta, depois de ser acusada de roubo, deixou o lar repentinamente. Quando adulto, Freud viria a sonhar com ela.⁴

Os estudiosos especularam que o antagonismo de Freud em relação à visão de mundo espiritual, e especificamente à da igreja católica, foi gerado em parte por sua raiva e seu desapontamento pelo fato de ter sido abandonado pela governanta católica numa época crítica de sua vida. Freud reconheceu que “se a mulher desapareceu de repente... isso deve ter deixado alguma impressão dentro de mim. Onde estará essa impressão agora?” Ele se lembrou então de uma cena que foi “emergindo pelos últimos vinte e nove anos na minha memória consciente... eu estava chorando até esgotar as lágrimas... não conseguia achar a minha mãe... temia que ela houvesse desaparecido, como a minha babá pouco tempo antes”.⁵ Mais que isso, usando a própria ênfase freudiana, presumo que os seus sentimentos em relação à igreja iniciaram-se com a partida de uma pessoa da sua vida.

A verdade é que a governanta expôs Freud às práticas católicas. Quando a governanta levou o pequeno garoto à missa, ao que parece, Freud observou os trabalhadores ajoelhados, orando e fazendo o sinal da cruz. É possível que eram essas impressões da sua primeira infância que ele tinha em mente quando, como adulto, escreveu ensaios, comparando as práticas religiosas com sintomas obsessivos e referindo-se à religião como “a neurose obsessiva universal”.⁶ Elas também podem ter sido a primeira exposição de Freud à música, à cidade de Roma, e aos feriados da Páscoa e do Pentecostes (também conhecido como Domingo de Pentecostes — a celebração da descida do Espírito Santo sobre os discípulos). Embora Freud não gostasse de música, ele parecia possuir uma estranha atração por Roma e uma consciência pouco usual desses dois feriados. Ele os mencionava freqüentemente em suas cartas. Ele se refere à sua “saudade de Roma”⁷ e seu desejo de passar “a próxima Páscoa em Roma”,⁸ e como “ele desejava tanto ver Roma de novo”.⁹

Sigmund Freud foi criado em uma família pouco comum e complicada. O pai de Freud casou-se com Amalia Nathansohn quando ela era ainda adolescente e, aos 40, ele já era avô. Amalia era a terceira mulher de Jacob. Jacob teve dois filhos do seu primeiro casamento. Um deles era mais velho que Amalia e outro, um ano mais novo.

O pai de Freud foi educado numa família judaica ortodoxa, mas foi gradativamente desistindo de todas as práticas religiosas, passando a celebrar somente o Purim e o Ano Novo como festividades familiares. No entanto, ele lia a Bíblia em hebraico regularmente em casa e tudo indica que ele falava hebraico com fluência.¹⁰ Em sua autobiografia, escrita quando estava com quase 70 anos de idade, Freud lembra que “minha familiaridade com a história da Bíblia desde cedo (antes praticamente de eu ter aprendido a arte de ler) teve, como eu reconheci bem mais tarde, um efeito duradouro sobre o direcionamento do meu interesse”.¹¹ Nas minhas várias visitas à casa de Freud em Londres, passei algum tempo sozinho no gabinete de trabalho de Freud, examinando de forma compenetrada suas estantes de livros. Notei um volume grande da Bíblia de Martim Lutero. Muitas das numerosas citações bíblicas de Freud sugerem que ele lia essa tradução. A Bíblia que ele leu quando garoto, entretanto, parece ter sido a *Bíblia de Philipppson*, consistindo do Antigo Testamento e assim intitulada por causa do estudioso do movimento da Reforma que originou o judaísmo reformado. No aniversário de 35 anos de Freud, Jacob Freud enviou-lhe um exemplar da *Bíblia de Philipppson* com a seguinte dedicatória em hebraico:

Meu querido filho,

Foi no seu sétimo ano de idade que o espírito de Deus começou a movê-lo para o estudo. Eu diria que o espírito de Deus lhe disse: “Leia o meu Livro que lhe serão abertas fontes de conhecimento e do intelecto”. É o Livro dos Livros, é o manancial do qual os sábios beberam e do qual os legisladores extraíram as águas do seu conhecimento.

Você enxergou neste Livro a visão do Todo-Poderoso, você ouviu de boa vontade, você praticou e tentou voar alto nas asas do Espírito Santo. Desde então eu preservei a mesma Bíblia. Agora, no seu trigésimo quinto aniversário, eu tirei o pó dela e a estou enviando a você, como prova de amor do seu velho pai.¹²

Freud naturalmente associou a visão [de mundo] espiritual com a do seu pai. Seus sentimentos em relação ao pai eram, na melhor das

expressões, ambivalentes. Ao contrário dele, Freud jamais aprendeu a falar hebraico e só conhecia algumas palavras do iídiche falado por sua mãe.¹³

Jacob Freud batalhava para ganhar a vida como comerciante de lã e a família toda ocupava um único quarto alugado numa casa pequena. Os Freuds viviam um andar acima do proprietário, ferreiro, que ocupava o primeiro andar. Na época do nascimento de Freud, a população de Freiberg — atual Příbor, na República Tcheca — tinha de 4 a 5 mil habitantes. A população católica de Freiberg ultrapassava em muito as de protestantes e judeus, que equivaliam a 2% e 3% cada.

Em 1859 quando estava aproximadamente com 3 anos de idade, Freud e sua família mudaram-se para Leipzig, e, um ano depois, para Viena. Ele viveu e morou o resto de sua vida em Viena — até 1938, quando, aos 82 anos, depois da invasão dos nazistas, fugiu para Londres com a ajuda de colegas: o secretário de Estado americano e o presidente Franklin Roosevelt.

Ao longo de sua adolescência em Viena, Freud estudou o judaísmo sob os auspícios de Samuel Hammerschlag, que enfatizava a experiência ética e histórica do povo judaico, mais do que a sua vida religiosa. Hammerschlag permaneceu como amigo e benfeitor de Freud por vários anos. Aos 15 anos, Freud também começou a se corresponder com um amigo chamado Eduard Silberstein. Essas cartas, que se estenderam por toda uma década, nos dão pistas sobre os pensamentos teológicos e filosóficos, e os sentimentos do jovem Freud, especialmente sobre questões como se há ou não uma Inteligência além do universo. Silberstein era um crente que se tornou advogado e casou-se com uma jovem que ele enviou para fazer um tratamento contra depressão com Freud. Quando chegou à clínica de Freud, ela pediu à sua empregada que esperasse ao pé da escada. Em vez de dirigir-se à sala de espera de Freud, subiu até o quarto andar e pulou nos braços da morte.¹⁴

Quando Freud ingressou na Universidade de Viena em 1873 e estudou sob os auspícios do distinto filósofo Franz Brentano, ex-padre católico, que deixou a batina porque não aceitava a infalibilidade do papa, ele escreveu sobre o assunto para Silberstein. Brentano impressionou

profundamente o jovem Freud. Aos 18 anos, Freud exclamou em uma carta ao amigo: “Eu, o médico e empiricista ateu, estou freqüentando dois cursos de filosofia... Um dos cursos — ouça e espante-se! — trata da existência de Deus, e o professor Brentano, que ministra as aulas, é um homem esplêndido, um estudioso e filósofo, embora ele considere necessário sustentar a existência invisível de Deus em suas próprias exposições. Escreverei a você tão logo algum de seus argumentos chegue ao ponto nevrálgico (ainda não passamos dos problemas preliminares), para que nada impeça a sua passagem para a salvação pela fé”.¹⁵

Alguns meses depois, Freud traçou mais alguns comentários sobre as suas impressões acerca de Brentano: “Da próxima vez que nos encontrarmos, contarei mais acerca desse homem notável (um crente, um teólogo... e um camarada danado de esperto, de fato um gênio) que, sob muitos aspectos, é um ser humano ideal”.¹⁶ Sob a influência de Brentano, Freud vacilou e cogitou a possibilidade de tornar-se crente. Freud confidenciou a Silberstein a forte influência que Brentano exerceu sobre ele: “... eu não escapei da sua influência — não sou capaz de refutar um simples argumento teísta que constitui o coroamento das suas deliberações... Ele demonstra a existência de Deus com um pouco de viés e tanta precisão, quanto qualquer outro poderia argumentar sobre as vantagens da teoria das ondas sobre a das emissões”.¹⁷ Freud também encorajou Silberstein a assistir às aulas de Brentano: “O filósofo Brentano, que você conhece das minhas cartas, ministrará aulas sobre ética e filosofia prática das 8 às 9 horas da manhã. E lhe faria muito bem assistir, pois é um homem de integridade e imaginação, embora as pessoas digam que ele seja um jesuíta, coisa em que não consigo acreditar...”¹⁸

Então Freud faz uma quase-confissão: “É desnecessário dizer que sou um ateu somente por necessidade, e sou honesto o suficiente para confessar que sou incapaz de refutar os argumentos dele; entretanto, não tenho nenhuma intenção de me entregar tão rápida ou completamente”. No mesmo parágrafo, ele faz uma declaração contraditória: “Por enquanto, parei de ser um materialista e não sou ainda um teísta”.¹⁹ Essa confusão e ambivalência permaneceriam dentro dele, apesar de seus pronunciamentos contrários, em favor do ateísmo.

Em outra carta, de algumas semanas depois, Freud continua a compartilhar a sua luta: “A parte ruim disso tudo, especialmente para mim, está no fato de que a ciência de todas as coisas parece demandar a existência de Deus...”²⁰

É possível que Freud tenha reprimido a experiência de se tornar “um teísta por necessidade”. Aos 70 anos, em um discurso endereçado aos *B’nai B’rith* (Filhos da Aliança), ele declarou: “O que me prendia ao judaísmo (tenho vergonha de admiti-lo) não era nem a fé, nem o orgulho nacional, pois eu sempre fui incrédulo...”²¹ Se Freud considerava os argumentos de Brentano em favor da existência de Deus tão convincentes, o que o mantinha tão relutante em aceitá-los, em “entregar-se” aos raciocínios que ele era incapaz de “refutar”? Algumas das respostas a essas perguntas possivelmente encontram-se nas demais influências que o jovem Freud recebeu durante os seus longos anos de formação médica.

Primeiro, em suas cartas a Silberstein, Freud mencionava a leitura de outro filósofo, Ludwig Feuerbach. “Feuerbach é alguém que eu reverencio e admiro acima de todos os outros filósofos”,²² escreveu Freud ao seu amigo em 1875. Ludwig Feuerbach, nascido em 1804, estudou teologia na Universidade de Heidelberg. Como estudioso de Hegel, ele escreveu livros de crítica teológica, declarando que o relacionamento das pessoas umas com as outras — a relação “Eu-e-Tu” — era mais pungente que o relacionamento com Deus. Embora ele se alegasse homem de fé, os seus escritos reforçaram o ateísmo, tanto de Marx, quanto de Freud. A sua tese central em *A Essência do Cristianismo* é que a religião é simplesmente a projeção da necessidade humana, uma realização de desejos profundamente assentados.

O propósito do seu livro, escreveu Feuerbach, era de “destruir uma ilusão”. Ele resumiu a obra em sua conclusão: “Nós demonstramos que a substância e o objeto da religião são totalmente humanos; demonstramos que a sabedoria divina é a sabedoria humana; que o segredo da teologia é a antropologia; que a mente absoluta é a assim chamada mente subjetiva finita”.²³ Freud passou vários anos de sua vida adulta destrinchando as implicações das afirmações de Feuerbach.

Outras influências que podem ter assumido um papel importante na rejeição de Freud pela visão de mundo espiritual incluem o ambiente 3ambiente específico da escola de medicina onde Freud foi treinado. No final do século 19, muitas publicações discutiam o suposto conflito entre ciência e religião. Dois livros bem conhecidos — o *History of the Conflict Between Religion and Science* [História do Conflito entre Religião e Ciência], de John William Draper, e o *History of the Warfare of Science with Theology in Christendom* [História da Guerra entre a Ciência com a Teologia no Cristianismo], de Andrew Dickson White —, ilustram a opinião predominante. O historiador Peter Gay refere-se aos “bolsos de bom tamanho do anticlericalismo e do conteúdo secular de toda religião”²⁴ que penetraram a cultura europeia na época de Freud na escola de medicina. Muitos desses “bolsos” envolviam a comunidade médica, cuja aceitação Freud buscava intensamente — para o seu avanço profissional precoce na carreira e, mais tarde, para a aceitação de suas teorias.

Freud trabalhou no laboratório de Ernst Brücke, um dos integrantes do grupo de médicos que tentou fundar uma ciência biológica em bases totalmente materialistas. Em sua autobiografia, Freud descreveu Brücke como a pessoa “que teve mais peso para mim do que qualquer outra por toda a minha vida”.²⁵ Brücke, junto com muitos outros da faculdade de medicina que Freud admirava, tomava um posicionamento firme contra a visão de mundo espiritual, insistindo em que as diferenças entre ciência e religião eram inconciliáveis e que nenhuma verdade existe, a não ser aquela adquirida pelo método científico. Como Freud mesmo escreveria mais tarde, “não há fontes de conhecimento no universo a não ser... o que podemos chamar de pesquisa”.²⁶

Freud desejava uma cadeira de prestígio na Universidade de Viena. Sua nomeação foi adiada por vários anos. Outros colegas, que haviam lecionado durante o mesmo número de anos que ele, iam sendo nomeados. Mas Freud, ano após ano, ficava só observando o desfile de promoções à sua frente. Quando se recusou a esperar mais tempo passivamente, ele apelou para um amigo e antigo paciente para exercer influência política e finalmente obteve o posto. A espera usual de um membro da faculdade com a experiência de Freud era de 4 anos; Freud teve de

esperar 17. Freud fora avisado por seu velho professor de fisiologia que havia preconceito contra ele nos círculos oficiais. Acrescenta-se a isso que os dois professores que propuseram a sua promoção lembraram-no do anti-semitismo predominante na Áustria daqueles tempos e o avisaram de que ele poderia enfrentar resistências.²⁷

Durante os anos do treinamento médico de Freud, o anti-semitismo intenso no mundo político da Áustria, e da população em geral, também afetou a profissão médica. Para os judeus que moravam em Viena em fins do século 19, essa atmosfera produziu um tipo de Holocausto psicológico — um precursor do que ocorreria sob o domínio nazista na geração seguinte. A literatura médica daquela época refletia racismo intenso e anti-semitismo. Como o historiador Sándor Gilman aponta, as revistas médicas refletiam a visão do século 18 de que “os judeus eram profundamente deficientes... e predispostos para uma gama de doenças”.²⁸ O biógrafo oficial de Freud, Ernest Jones, nota que Freud tinha a “sensibilidade comum aos judeus para o menor sinal de anti-semitismo — e sofreu muito desde os tempos escolares com o anti-semitismo que impregnava Viena e especialmente a Universidade”.²⁹

As primeiras experiências de Freud com o anti-semitismo influenciaram criticamente a sua atitude em relação à visão de mundo espiritual. Na Áustria, mais de 90% da população era registrada como católica. Freud dizia que, em seu ambiente, “esperava-se que eu tivesse de me sentir inferior e um estranho pelo fato de ser judeu”.³⁰ É compreensível a motivação que levou Freud a desacreditar e destruir o que ele chamava de “*Weltanschauung* [visão de mundo] religiosa” e a razão porque ele se referia à religião como sendo “o inimigo”. Sem esse “inimigo” ele não estaria numa pequena minoria e ninguém esperaria que ele se sentisse “inferior e um estranho”.

Freud não esqueceu, pelo resto de sua vida, o que o seu pai lhe contou quando ele tinha 10 anos de idade. Seu pai havia sido abordado por um adepto do anti-semitismo que arrancou a sua capa e jogou-a na lama, gritando: “Judeu! Saia da calçada!” Freud perguntou qual foi a reação do seu pai, que lhe respondeu: “Eu fui até a rua e peguei a minha capa”. Freud disse que isso o abalou “como sendo uma conduta anti-heróica

da parte de um homem grande e forte...”³¹ Freud não encarava o anti-semitismo como o seu pai encarava, com uma aceitação passiva. Ele tinha um forte desejo de lutar contra isso com unhas e dentes.

Em abril de 1882, Freud conheceu Martha Bernays, e, dois meses depois, eles noivaram. O avô dela era o rabi de Hamburgo e o pai seguia a fé judaica ortodoxa do avô.

Quando completou 27 anos, Freud escreveu à sua noiva sobre a experiência por que passara em um trem: “Você sabe como eu gosto de ar fresco e como fico sempre ansioso para abrir as janelas superiores dos trens. Então eu abri a janela e coloquei a minha cabeça para fora, para ter algum ar. Nisso ouvi berros que me mandavam fechá-la... Declarei a minha disposição em fechá-la, desde que outra, do lado oposto, ficasse aberta; era a única janela aberta em todo o comprido vagão. Enquanto a discussão seguia em frente e o homem dizia que estava preparado para abrir a fresta de ventilação da janela, em vez da janela, ouviu-se um grito do fundo: ‘Ele é um judeu imundo!’ — E, com isso, toda a situação mudou de figura”. Freud descreve como um dos homens envolvidos na discussão ameaçou resolver a questão fisicamente. Freud disse que “[eu] não estava nem um pouco amedrontado com a aglomeração, solicitando a um que guardasse para si as suas frases vazias que não me inspiravam respeito algum, e, a outro, que se levantasse e aceitasse o que fez por merecer. Eu estava disposto a matá-lo...”³²

No Domingo de Páscoa de 1886, aos 30 anos, Freud abriu a sua clínica particular especializada em neuropatologia. A partir de então, a [época da] Páscoa sempre o lembraria desse evento. Meio século depois, ele escreveu em uma carta: “O Domingo de Páscoa significa para mim o quinquagésimo aniversário de inauguração da minha clínica”.³³ Muitos estudiosos notam que a Páscoa tinha um significado especial para ele, significado que vinha desde o tempo em que a sua governanta católica o levava para a igreja. Alguns escrevem que a abertura de sua clínica no Domingo de Páscoa refletia o respeito especial que Freud tinha por esse dia;³⁴ para outros, isso refletia desafio e desrespeito.³⁵

A abertura da sua clínica particular trouxe remuneração suficiente para sua casa e sustento da família. No dia 13 de setembro de 1886,

ele e Martha se casaram. Ele não quis um casamento judaico, porque achava os aspectos religiosos desagradáveis. Por um breve tempo ele até considerou tornar-se protestante para evitar a cerimônia judaica, mas o seu amigo e mentor Josef Breuer o aconselhou a não fazê-lo. O casamento ocorreu na Alemanha, primeiramente a cerimônia civil na Prefeitura, e, no dia seguinte, uma cerimônia judaica breve na casa da noiva, apenas na presença de poucos membros da família.³⁶

Uma década depois, em outubro de 1896, o pai de Freud morreu. Freud escreveu, em uma carta para Fliess, que esta morte “me afetou profundamente... reacendeu todos os meus sentimentos mais antigos... eu me sinto bastante desarraigado”. Ele notou que a morte do pai de uma pessoa “é o evento mais importante, a perda mais pungente na vida de um homem”. Jacob havia lutado financeiramente, não fora capaz de sustentar seu filho durante seu prolongado treinamento médico e passara pela humilhante experiência de aceitar assistência da família de sua esposa. Freud considerava o seu pai um fracassado. Entretanto, a sua morte abalou-o fortemente. De fato, na minha própria prática clínica, tenho observado que as pessoas têm maior dificuldade em resolver a perda de um pai ou mãe quando abrigam sentimentos negativos não resolvidos em relação a eles. A morte do pai de Freud estimulou a sua auto-análise, fazendo-o escrever o que ele considerou a sua mais significativa obra, *A Interpretação dos Sonhos*, e o início da formulação da sua teoria do Complexo de Édipo. Esse objeto de tanta controvérsia dentro e fora dos círculos psicanalíticos pode ajudar a explicar os sentimentos pessoais de Freud, em relação ao conceito de Autoridade Última e o seu ataque permanente à visão de mundo espiritual.

A teoria do Complexo de Édipo, tão fácil e freqüentemente caricaturizada, merece um franco resgate. Freud observou clinicamente que as crianças passam por uma fase no seu desenvolvimento psicosssexual, na qual experimentam sentimentos positivos em relação ao pai ou mãe do sexo oposto e sentimentos de rivalidade em relação ao pai ou mãe do mesmo sexo. “Enquanto ainda é uma criança pequena, o filho já começa a desenvolver uma afeição especial pela mãe, a quem se refere como pertencente a ele; ele passa a perceber o pai como um rival que disputa a

sua posse exclusiva”, explicou Freud em uma palestra ministrada em 1915. “E, da mesma forma, uma menina pequena percebe a mãe como uma pessoa que interfere na sua relação afetiva com o pai e que ocupa a posição que ela mesma poderia muito bem ocupar. A observação de si mesmo possibilita descobrir a que anos anteriores essas atitudes nos remetem. Referimo-nos a isso como ‘Complexo de Édipo’ porque a lenda mostra, amenizando levemente a história, os dois desejos extremos que emergem da situação do filho — de matar o pai e de tomar a mãe como esposa”.³⁷

Freud observa este complexo de sentimentos em sua própria análise. Em uma carta para Fliess ele admitiu que “Eu também observei [o fenômeno de] estar apaixonado pela minha mãe e com ciúmes do meu pai no meu próprio caso e agora eu considero isso um evento universal da primeira infância. Se isso assim for, podemos entender o poder arrebatador de Édipo Rei, apesar de todas as objeções que a razão levanta contra o pressuposto do destino”.³⁸ (Se Freud baseou a sua teoria do Complexo de Édipo exclusivamente na sua auto-análise, pode-se certamente duvidar se esse é mesmo um “evento universal”, ou não. A família de Freud, com um pai mais velho, uma mãe adolescente atraente, e meio-irmãos que tinham aproximadamente a mesma idade da mãe, dificilmente pode ser considerada típica.)

Freud reconhecia que as pessoas que ouviam a sua teoria pela primeira vez consideravam-na absurda: “a descoberta provocou a mais violenta oposição entre os adultos...” Ele sugeria, entretanto, que, se a teoria contém alguma verdade — não importa quão detestável —, temos de aceitá-la. “Minha convicção inabalável é de que não há nada [nesse fenômeno] que possa ser negado ou maquiado. Devemos reconciliar nós mesmos com o fato, que foi reconhecido pela própria lenda grega como um destino inevitável”.³⁹

Por que Freud achava esse conceito tão importante? Porque ele pensava que o fracasso em resolver esses sentimentos universais de infância contribuía para o desenvolvimento de muitos desarranjos emocionais posteriormente na vida. “Tornou-se mais claro do que nunca”, escreveu Freud em 1924, em *A Short Account of Psychoanalysis* [Breve Tratado de

Psicanálise], “[que] a complicada relação emocional da criança com os seus pais — mais conhecida como Complexo de Édipo... forma o núcleo de todo caso de neurose”.⁴⁰ Esses sentimentos precoces da criança em relação aos seus pais também formaram a base para o principal argumento de Freud contra a existência de uma Inteligência além do universo. Freud afirma que a nossa ambivalência em relação à autoridade dos pais — especialmente os sentimentos positivos dessa ambivalência — formam a base do nosso desejo profundamente assentado por Deus.

Hoje, nos círculos psicanalíticos, o Complexo de Édipo continua sendo debatido. Mas, mesmo entre os que questionam a universalidade dessa teoria, é de comum acordo que os primeiros relacionamentos com os pais têm forte influência sobre a saúde psicológica posterior. E talvez esses relacionamentos familiares iniciais também se encarreguem da nossa predisposição em direção à fé em Deus ou em direção contrária a dela.

O CONTEXTO DE LEWIS

No dia 29 de novembro de 1898, nos subúrbios de Belfast, na Irlanda, Florence Hamilton Lewis deu à luz a um filho. Ela e seu marido Albert James Lewis chamaram o seu filho recém-nascido de Clive Staples. Mal imaginavam eles que aquele menino um dia se tornaria um estudioso brilhante e um autor célebre, cujas obras seriam lidas por milhões de pessoas, e cujas muitas honras incluiriam a de Comandante da Ordem do Império Britânico (título este que Lewis recusou).

Em sua autobiografia, *Surpreendido pela Alegria*, Lewis descreve sucintamente a sua família. Embora nascido na Irlanda, seu pai era do País de Gales, e sua mãe, da Escócia. As famílias “eram tão diferentes em termos de temperamento, quanto de origem”. A família do pai “era de típicos homens de Gales: sentimentais, apaixonados e retóricos, facilmente movidos, tanto pela raiva, quanto por acessos de carinho; pessoas que riam e choravam bastante e não tinham muita vocação para a felicidade”. A família da mãe, por outro lado, “era de uma raça mais fria. Sua mente era crítica e irônica e eles tinham talento para a felicidade em alto grau...” Lewis acreditava que a “afeição alegre e tranqüila da mãe” e “os

altos e baixos” da vida emocional do seu pai incutiram nele “uma certa aversão pelas emoções e um sentimento de desconfiança delas, vistas como algo um tanto desconfortável e embaraçoso ou até perigoso”.

Antes de se casar, Florence Hamilton freqüentou o *Queen’s College* em Belfast, ganhando prêmios em lógica e matemática. Albert Lewis freqüentou um pensionato na Inglaterra e teve aulas particulares com W. T. Kirkpatrick, um professor bastante rigoroso, mas excelente, que mais tarde viria a dar aulas ao jovem Lewis. Quando Albert terminou a escola, estagiou com um procurador, um advogado do sistema britânico, autorizado a assumir casos apenas nas instâncias inferiores. Depois de finalizar o estágio, Albert abriu o seu próprio escritório em Belfast, onde trabalhou pelo resto da vida. Ele se casou com Florence no dia 29 de agosto de 1894.

O avô de Lewis era pároco de uma igreja local, freqüentada por toda a família Lewis. Seu avô pregava sermões altamente emocionantes, chegando muitas vezes a chorar em púlpito. Lewis se lembrava de que, quando era bem criança, ele e o seu irmão Warren achavam essas idas à igreja desagradáveis e embaraçosas — tão embaraçosas que eles faziam de tudo para não cair em sonoras gargalhadas. Essas primeiras experiências com a religião formal tiveram um papel não pouco relevante no fato de posteriormente, Lewis ter abandonado a fé nominal que tinha na infância, na formação de sua opinião de que a busca por uma visão de mundo espiritual era “idiota”, e na sua opção pela alternativa materialista.

Com aproximadamente 4 anos, Lewis anunciou aos seus pais que o seu nome era “Jacksie”, ocasionalmente encurtado para “Jack”, nome que passou a ser usado por todos os seus conhecidos mais chegados.

Ao escrever a sua autobiografia, Lewis lembrou-se de algumas experiências do passado longínquo, que percebia agora como espiritualmente significativas. Uma dessas experiências ocorreu quando ele tinha 6 anos. Em *Surpreendido pela Alegria*, ele explica: “Certo dia, naqueles tempos, meu irmão trouxe a tampa de uma lata de biscoitos para o quarto de brincar, que ele revestiu de grama e musgo e decorou com folhas, ramos e flores, de modo que parecesse um jardim ou uma floresta de brinquedo. Foi o primeiro contato que tive com a beleza... A idéia que faço do

Paraíso terá sempre algo da minha lembrança do jardim de brinquedo do meu irmão”. Lewis sugeriu que essa lembrança, da mesma forma que a sua visão das “montanhas verdes”, que “víamos da janela do quarto de brincar”, fizeram-no descobrir o “alento”⁴¹ ou saudade existencial. Depois de ter abandonado o ateísmo, olhando para trás, ele percebeu que essas experiências ocorriam periodicamente. Ele as descreveu como sendo *joy*, ou alegria, e dizia que ela deve ser “rigorosamente distinta, tanto da felicidade, quanto do prazer”. Mais tarde, ele concluiria que esse alento não era por algum “lugar”, como ele havia pensado de início, mas por uma “Pessoa”.

Quando Lewis completou 7 anos de idade, sua família mudou-se para uma nova casa chamada *Little Lea*, uma casa de campo maior. Lewis observa em sua autobiografia que “a nova casa tornou-se como que um personagem central da minha história”. Ele passou vários dos anos mais importantes para a sua formação ali, lendo livros, em meio a “longos corredores, quartos vazios banhados de sol, silêncio no andar de cima, sótãos solitariamente explorados, ruídos distantes de cisternas e canos borbulhantes, e o som do vento, balançando a copa das árvores”. Devido ao clima frequentemente úmido na área de Belfast, Irlanda, Lewis e seu irmão passavam inúmeras horas na sua casa nova, desenhando e escrevendo histórias: “... nós sempre tínhamos lápis, papel, giz e caixas de tinta; e, com todo este equipamento à nossa disposição, tínhamos oportunidade e motivação para desenvolver o hábito de usar a imaginação criativa... juntos nós concebemos o país imaginário de ‘Boxen’, que se desenvolvia amplamente e que acabou se tornando nosso consolo e alegria por vários anos”. Lewis começou a desenvolver tanto a imaginação quanto as habilidades de escrita que caracterizara sua vida adulta. Então o seu irmão Warren foi “deportado para um colégio interno” e Lewis teve de passar muito tempo sozinho. Ele lembra que “aos 6, 7 e 8 [anos de idade] — eu vivia quase que inteiramente na minha imaginação”.

Aos 9 anos, seu mundo cômodo e confortável teve um fim catastrófico. Primeiro, o seu avô da parte de pai morreu. Em seguida, sua mãe ficou seriamente doente. Depois de consultar diversos especialistas, os médicos diagnosticaram câncer e recomendaram que ela se internasse no

hospital. A operação foi feita na casa deles, o que não era prática muito comum nas famílias de classe média da Irlanda. Lewis lembra dos sons e cheiros e de como as pessoas passavam apressadas, entrando e saindo do quarto da sua mãe durante a operação. Quase meio século depois, ele ainda lembrava com clareza como o seu pai tentara “imprimir na minha mente aterrorizada coisas que ela jamais havia concebido antes”. A doença da mãe, sua operação assustadora, e, em seguida, sua morte derrubaram o garotinho. Ele se lembra de ter sido levado até a cama para que observasse o corpo dela estendido e que [com isso] o seu “pesar foi subjugado pelo terror”.

O impacto dessa perda — [com] a mudança no comportamento do seu pai e subsequente mudança no relacionamento dele com os dois meninos, a depressão e o pessimismo de Lewis, que duraram vários anos, e a sua “primeira experiência religiosa” de orar em vão pela recuperação da mãe — tudo isso foi crucial.

Tomado de pesar pela perda da esposa, Albert Lewis decidiu que não estava em condições de cuidar adequadamente dos seus filhos e enviou-os para um colégio interno na Inglaterra. Na época, os colégios internos (chamados de escolas públicas) continuavam sendo e são até hoje escolas particulares e independentes. Quem sabe devido à sua tenra idade (9 anos) e porque ele associava a vida no lar com a perda de sua amada mãe, Lewis reagiu à Inglaterra “com ódio instantâneo”. Ele odiou o “estranho sotaque inglês... a falta de montanhas... os quilômetros e mais quilômetros de terras áridas, que nos cercavam, a partir do mar, aprisionadores, sufocantes. Tudo estava errado; cercas de madeira, em vez de paredes de pedra e cercas vivas, casas de campo de tijolo vermelho à vista, no lugar de cabanas brancas, os pastos tão amplos... Naquele momento eu senti um ódio pela Inglaterra que levou muitos anos para sarar”.⁴² Os sentimentos sofridos de pesar e solidão que o jovem Lewis sentia dentro de si eram capazes de fazê-lo sentir ódio por qualquer lugar que o levasse para longe do conforto e segurança do seu lar e daqueles que se importavam com ele.

A primeira escola que Albert Lewis escolheu para os seus filhos revelou-se uma escolha infeliz. Lewis a encarava como uma espécie de

inferno. Ela não contava com mais de vinte alunos. O diretor — apelidado de “Velhinho” (*Oldie*) — dava chibatadas nos alunos com sua bengala e tinha reputação de ser cruel. A equipe de professores consistia basicamente do diretor, seu filho e sua filha. Lewis descreveu a crueldade dele como sendo “irracional e imprevisível”. Seu irmão Warren escreveu a respeito desse diretor: “Eu o vi levantar do chão um garoto de mais ou menos 12 anos pela parte traseira do colarinho e segurá-lo à máxima distância, como se fosse um cachorro... para depois lhe dar chibatadas com a bengala nas suas panturrilhas”. O pai de um dos garotos abriu um processo na Suprema Corte contra o diretor por causa da sua extrema violência. A escola acabou fechando por falta de alunos. Dois anos depois de se ter comprovado que era psicótico, o diretor morreu. O chamado “velhinho”, que era clérigo da Igreja da Inglaterra, deixou marcas profundas em Lewis. Meio século depois, ele ainda tinha dificuldades em perdoá-lo. Houve até quem sugerisse que o diretor sentia prazer sexual no seu comportamento violento, mas Lewis duvidava: “Todo mundo fala em sadismo hoje em dia, mas eu duvido que a crueldade possa envolver algum elemento erótico”. O fato de o diretor ser clérigo não escapou à mente perceptiva do jovem Lewis.

Mas nem todas as suas experiências se provaram negativas. Ao olhar para trás ele se percebeu que algumas pessoas o ajudaram a se preparar para a fé que acabaria abraçando. Ele recorda em sua autobiografia: “A vida no colégio interno de um vilarejo... nos ensina a viver só de esperanças. Ou até mesmo, em certo sentido, pela fé; pois no início de cada semestre, seu lar e suas férias estão tão distantes que é tão difícil de acreditar neles quanto [acreditar] no céu”. Lewis se lembra de ter ido à igreja ao longo daqueles anos e começado a “orar e ler a minha Bíblia, numa tentativa de obedecer à minha consciência”. O que o prontificava a fazer isso é que ele “... temia pela minha alma; especialmente em certas noites, à luz do luar, naquele dormitório despido de cortinas”.⁴³

Depois que o primeiro colégio interno fechou as portas, Albert Lewis mandou o seu filho para um outro, chamado Cherbourg, na cidade de Malvern. Lá Lewis sofreu a influência da Srta. Cowie, a superintendente da escola, que se tornou sua primeira mãe substituta. Aparentemente ela

notava que Lewis era extraordinariamente sensível e que se sentia isolado e só. Lewis retribuiu as suas atenções. Certa vez o diretor pegou-a com Lewis nos seus braços e, apesar de ela já ter abraçado outros meninos antes, movida pelo que chamava de afeição maternal, ele a despediu sumariamente. Lewis sentiu saudades dela e escreveu a seu respeito cerca de 50 anos depois: “Nenhuma escola poderia ter uma superintendente melhor, mais bem dotada e confortante para os meninos, quando doentes, ou uma companhia mais carinhosa e agradável para os meninos sãos. Ela é uma das pessoas menos egoístas que eu já conheci. Todos nós a amávamos”.⁴⁴

A Srta. Cowie teve um outro efeito mais profundo em Lewis. Ela “ainda não havia atingido a sua maturidade espiritual”, “zanzando” de um culto para outro, sobre os quais ela discutia com ele. Isso provocou uma confusão considerável na mente do garoto de 13 anos, e a sua fé nominal começou a vacilar até desaparecer de vez: “Pouco a pouco, inconscientemente e sem más intenções, ela abalou toda a estrutura, raspou fora todas as arestas pontiagudas da minha fé. A obscuridade, o caráter meramente especulativo de todo esse ocultismo começava a se disseminar...”⁴⁵

A estrutura [da sua fé] ainda estava entrando em colapso quando ele começou a ler os clássicos. Lewis lembra: “Aqui, especialmente em Virgílio, deparávamos com uma massa de idéias religiosas; e todos os professores e editores tinham certeza desde o começo de que tais idéias eram pura ilusão... a impressão que eu tive era de que a religião em geral, ainda que totalmente falsa, era uma decorrência natural, um tipo de bobagem endêmica em que a humanidade tende a recair”.⁴⁶

Lewis descreve os seus anos no colégio interno como tempos de solidão e infelicidade. Olhando para trás, Lewis tornou-se intensamente consciente do impacto negativo daquilo tudo: “A história da educação seria totalmente outra se os pais de cada geração... tivessem idéia do que de fato acontece nas escolas dos seus filhos”.⁴⁷ Ele lembra de um instrutor que costumava incutir em todos os estudantes “um desejo de brilho, grandeza, distinção, um afã por tornar-se conhecido”. Ele influenciou

Lewis a “querer trabalhar duro para transformar-se em um almofadinha, um grosso e um esnobe”.

Lewis não gostou nada do que ele via em que estava se transformando nem do que observava que estava acontecendo com os jovens ao seu redor: “Nunca vi uma comunidade tão competitiva, tão cheia de esnobismo e bajulação ou afetação, uma classe dominante tão egocêntrica e cheia de si, tão falta de solidariedade e senso de honra corporativa”.⁴⁸ Todo o ambiente fomentava orgulho e arrogância e a tendência de considerar o outro inferior. Anos mais tarde, ele escrevia: “Pois os últimos 30 anos da Inglaterra foram dominados por um *intelligentsia* amarga, truculenta, cética, hipócrita e cínica. Grande parte deles estava frequentando escolas públicas [particulares], e eu acredito que eram bem poucos os que gostavam disso”. Lewis acrescenta que os defensores desse tipo de escola são precisamente aqueles alunos — que “o sistema não foi capaz de tratar; eles já eram surrados, ridicularizados... açoitados e humilhados o suficiente”.⁴⁹

O pai de Lewis finalmente decidiu que seu filho renderia mais se estudasse com um professor particular, e não em um colégio interno. Como ele explicou em uma carta ao irmão de Lewis: “Em suma, tudo isso foi um erro a que precisamos dar um basta. Suas cartas me deixam infeliz... Eu acho... que o melhor que eu posso fazer é enviá-lo ao ‘Kirk’ no próximo semestre”.

William T. Kirkpatrick, um diretor de escola aposentado, que já havia dado aulas ao pai de Lewis, dava aulas particulares agora. Lewis passou os dois anos e meio seguintes estudando sob a tutela do “Grande Knock”, como eles o chamavam, anos estes que se provaram os mais formativos e felizes da sua vida. Ele passou muitas horas, todos os dias, concentrado em livros da sua própria escolha. Todas as tardes eram livres para “ler, escrever ou perambular pelas florestas douradas e vales desse país”.⁵⁰

Nessas horas de lazer, Lewis descobriu George MacDonald, um autor que provocou um profundo impacto nele e em seus escritos. “Nunca consegui esconder o fato de que eu me referia a ele como o meu mestre; na verdade, suspeito que nunca tenha escrito um livro que não tenha

alguma influência dele”, escrevia ele cerca de 30 anos depois. O livro que o introduziu a MacDonald foi *Phantastes*: “ele tinha algo da inocência de uma manhã fresca... O que ele de fato provocou em mim foi uma conversão ou até um batismo... da minha imaginação”.⁵¹ Naquela época, Lewis não podia imaginar que MacDonald estava escrevendo sobre a visão de mundo espiritual que ele, Lewis, viria a abraçar cerca de 15 anos mais tarde.

Kirkpatrick, um ateu militante e lógico, ensinou Lewis a pensar de forma crítica, dentro das regras estritas da lógica. Sob os auspícios do “Grande Knock”, Lewis desenvolveu hábitos de trabalho que ele manteve pelo resto de sua vida. Ele insistia em dizer, entretanto, que Kirkpatrick não impunha o ateísmo aos seus estudantes: “O leitor irá lembrar que o meu próprio ateísmo e pessimismo já estavam completamente formados antes de eu me mudar para Bookham. O que eu recebi [dele] não foi nada mais do que nova munição para a defesa da posição que eu já havia tomado. Até isso eu adquiri indiretamente do seu estilo de pensar ou de forma independente, a partir da leitura dos seus livros”.⁵² Lewis considerava Kirkpatrick um dos seus maiores professores e sempre falava dele com admiração: “Devo muito a ele, minha reverência por esse dia é inalienável”.⁵³

Tanto Lewis quanto Grande Knock baseavam o seu ateísmo nos estudos antropológicos, tais como o de Frazer, intitulado *O Ramo Dourado*. Lewis acreditava que “todas as religiões, todas as mitologias, para lhes dar o nome adequado, são invenções humanas”. Lewis acreditava que o Novo Testamento era semelhante a outros mitos pagãos, sobre um deus que desce à Terra, morre e ascende novamente. Ele explicitou a sua visão em uma carta a Arthur Greeves: “... grandes homens foram referidos como deuses depois da sua morte — tais como Hércules ou Odim: assim, após a morte do profeta judeu *Yeshua* (cujo nome por nós distorcido é Jesus), ele começou a ser considerado um deus, a partir daí surgiu uma forma de culto... e foi assim que o cristianismo surgiu — mais uma mitologia entre outras tantas... É claro que a superstição sempre foi cultivada pelas pessoas comuns de todas as eras, mas os seres mais educados e pensantes sempre se mantiveram fora disso em cada uma delas”.⁵⁴

Lewis ingressou em Oxford no dia 4 de dezembro de 1916 para prestar o seu exame nas línguas clássicas. Ele foi aprovado pelo Colegiado Universitário. Depois teve de passar por mais uma bateria de exames, o que equivaleria aos testes vestibulares (*Responsions*), antes de poder ser admitido às aulas. Entretanto, ele não conseguiu passar na parte matemática do exame. Felizmente, foi admitido em Oxford para o Exército, por meio do Corpo de Treinamento de Oficiais. (Embora ele nunca tivesse passado no exame de matemática, foi-lhe permitido retornar a Oxford depois do serviço de guerra, pois alguns ex-soldados haviam sido dispensados.) Durante o seu curso de treinamento de oficiais, ele teve como companheiro de quarto um jovem chamado Edward ou “Paddy” Moore. Lewis e Paddy fizeram uma profunda amizade e cada um prometeu ao outro que, se algum deles morresse na guerra, o outro tomaria conta dos seus pais.

Lewis chegou às trincheiras no seu 19º aniversário. O terror de ver amigos massacrados e de ser ferido por um estilhaço e hospitalizado deixou marcas permanentes na sua memória, por meio de sonhos recorrentes. No entanto, Lewis escreveu pouco sobre as suas experiências de guerra. Talvez elas evocassem demasiada ansiedade. De vez em quando ele lança um pouco de luz sobre algumas delas: “Como foi que eu consegui ‘deportar’ aproximadamente 60 prisioneiros — isto é, como descobri, para meu grande alívio, que a multidão de figuras cinzentas dos campos de batalha, que apareceram do nada, de uma hora para a outra, estava toda de mãos ao alto — não vale a pena contar, a não ser como piada”.⁵⁵

Entretanto, Paddy foi morto em ação. Lewis lembrou da sua promessa e a levou a sério. Convidou a Senhora Moore e sua filha a morarem com ele. Ele ajudava nos afazeres, executando um número incontável de tarefas domésticas, bem como ajudando a pagar as despesas. A Senhora Moore, que era aproximadamente 30 anos mais velha que Lewis, tornou-se uma mãe substituta. Alguns biógrafos especulam que Lewis e a senhora Moore tenham sido amantes, mas as evidências testificam em contrário. Em suas cartas, Lewis deixa a sua relação de mãe-filho clara, sem sombra de dúvida: “Ela é a senhora que eu chamo de mãe e com a

qual convivo”; “Na verdade ela é a mãe de um amigo”;⁵⁶ “Minha mãe sofrida”;⁵⁷ “Minha mãe mais velha”.⁵⁸

Depois da morte da Senhora Moore, Lewis continuou a referir-se a ela dessa forma: “Houve uma grande mudança na minha vida em decorrência da morte da idosa senhora, a quem eu chamava de mãe. Ela morreu sem dor aparente, depois de muitos meses de existência semiconsciente, e seria uma hipocrisia dizer que isso nos trouxe muito pesar”.⁵⁹ George Sayer, um aluno e posteriormente um amigo chegado de Lewis, além de biógrafo, descreveu “o relacionamento de Jack com a Senhora Moore... como composto por gratidão por sua bondade maternal e hospitalidade generosa, pena dela, por ser mãe do seu melhor amigo do tempo de guerra, e pelo compromisso de cuidar dela, se o seu amigo Paddy fosse morto”.⁶⁰

Em 1919, Lewis voltou para Oxford, onde passaria os 35 anos seguintes da sua vida. Ele publicou o seu primeiro livro, *Spirits in Bondage* [Espíritos em Grilhões], uma coleção de poemas pouco vendida, no ano em quem ele era calouro. Uma vez terminado o seu curso de graduação, ele lecionou filosofia por um ano, e mais tarde, em 1925, ele foi eleito para a cadeira de literatura inglesa no Magdalene College. O resto é história.

* * *

As experiências de infância de Freud e Lewis revelam um paralelismo considerável. Tanto Freud quanto Lewis, quando meninos, tinham dons intelectuais que permitiam antever o profundo impacto que eles provocariam como adultos. Ambos sofreram perdas significativas nos primeiros anos de vida. Ambos tinham um relacionamento difícil, cheio de conflitos com os seus pais. Ambos foram instruídos desde cedo na fé da sua família e registraram uma aceitação nominal daquela fé. Ambos rejeitaram o sistema de fé anterior e se tornaram ateus na adolescência. Ambos leram autores que os persuadiram a rejeitar as crenças nominais da infância. Freud foi fortemente influenciado por Feuerbach e os muitos cientistas que ele estudou quando estudante de medicina e Lewis,

pelos seus professores, que lhe davam a impressão de que “as idéias religiosas não passavam de ilusão... uma espécie de absurdo endêmico”.

Lewis, entretanto, acabou rejeitando o ateísmo e abraçou a mesma visão que um dia havia considerado absurda. Como ele explicava essa mudança drástica? O que levou Freud a continuar rejeitando a rica herança espiritual da sua família e permanecer ateu?